



Comunicação à Terceira Conferência Bienal da *Association for the Study of the Worldwide African Diaspora (ASWAD)* – Rio de Janeiro, Brasil entre 5 a 7 de outubro de 2005.

Joseph Harris¹

Tradução de Valter Silvério²

Acho muito bom podermos ter conferências deste tipo, que reúnem pessoas não para teorizar, mas para aplicar o que teorizamos.

Verifico que há muito tempo que o que a diáspora realmente precisa é de um modo de pensar diferente, uma maneira de estimular nossos formuladores de políticas a mudarem suas abordagens e serem mais inclusivos para todos nós.

A diáspora africana, ao contrário de outras diásporas, não se localiza em um único país ou nação que represente sua fonte de inspiração ou um momento definidor – conforme um participante mencionou mais cedo. Acredito que seja importante pensarmos a respeito disso e também acerca da diversidade na África, como a diversidade geográfica e étnica, sem referência a um único lugar monopolizando o foco.

No meu ponto de vista, isso significa dizer que o momento definidor é o do tráfico de escravos e escravidão. Agora, o fato de não se ter uma nação como Armênia para os armênios, Israel para os judeus, ou no caso dos irlandeses e

1 History Department - Howard University, EUA - earlharr@comcast.net

2 Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – São Carlos - Brasil - diasporizando@gmail.com

chineses, o problema é que não temos um foco nacional, mas temos, sim, um evento percebido por toda África, pois o tráfico de escravos abrangia toda África.

Todavia, temos uma nova onda de imigrantes da África desde o fim do século XX, como resultado não só do impacto da escravidão, - tenho que mencionar isto pois o impacto da escravidão continua –, mas também devido ao impacto do colonialismo, no fim do qual as nações se tornaram independentes. Muitas destas novas ondas de imigrantes que vieram da África para a diáspora – e este é o meu foco – vieram com uma consciência das novas nações independentes da África. E muitos com os quais conversei ainda preservam uma consciência africana e um certo vínculo com a África.

O principal vínculo deles está estabelecido com o estado-nação, isto é, o local onde suas famílias se encontram e para onde enviam seu dinheiro. Deste modo, uma vez que tenham eles uma identidade dupla, com a África como continente e com suas nações, eles também possuem uma terceira parte, pois moram em um país ocidental e muitos deles conquistaram sucesso e por encontrarem-se como tais, apoiam os africanos em suas questões nacionais, sejam nigerianos ou ganeses, apesar de estabelecidos no ocidente.

É preciso que olhemos para a definição desta terceira identidade como parte da Diáspora Africana. Eu vejo isto como um grande movimento da parte da ASWAD porque se apropria da noção de Diáspora Africana, projetando-a para um novo nível. As conferências que eu iniciei foram se apagando. Tiveram vida e, talvez, algum impacto, mas isto aqui parece estar em um nível mais elevado e vou dizer novamente como estou encantado em estar aqui.

Quero agradecer ao governo do Brasil não apenas por ter apoiado a conferência, mas por seguir com as mudanças necessárias, que devem acontecer na diáspora, de modo que todas as pessoas se tornem parte desta grande nação e que lutem da mesma maneira que nós, nos EUA e em outros lugares para tornar verdadeiro o conceito de “ser humano”.

Muito obrigado.

Recebido em: 02/12/2020

Aprovado em: 21/12/2020

Como citar esta comunicação:

HARRIS, Joseph. Comunicação à Terceira Conferência Bienal da *Association for the Study of the Worldwide African Diaspora* (ASWAD) – Rio de Janeiro, Brasil entre 5 a 7 de outubro de 2005. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 875-876.